

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 143	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120	11 DE DEZEMBRO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-0-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-0-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-0-		



AUGUSTO SARAIVA DE CARVALHO — Fallecido em 29 de Novembro de 1882  
(Segundo uma photographia de Fonseca)

120

## AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento «UN BAQUERO».

Tambem tem direito a este supplemento todas as pessoas que tomarem a assignatura d'este periodico por um anno.

Para os compradores avulso este supplemento custa 400 réis, com o periodico 500 réis, o periodico só 120 réis.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Saraiva de Carvalho, A. E. — Othello, SPECTATOR — As nossas gravuras, — O Nosso Supplemento, «Un Baquero», RANGEL DE LIMA — De como tive um D. Manuel de presente, J. C. MACHADO — Carlos Ribeiro, BRITO REBELLO — O Amigo Visconde, ALBERTO BRAGA — Ephemerides-Artístico-Litterariæ, SILVA PEREIRA — Publicações.

**GRAVURAS.** — Augusto Saraiva de Carvalho — Theatro de D. Maria II, Representação do Othello — Eduardo Brazão — João Rosa — Tunnel de Monte de Lobos, no Caminho de ferro da Beira Alta — Cruzeiro em frente da igreja de Villa Viçosa — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Dominando todos os acontecimentos não só d'estes ultimos dias, como tambem d'estes ultimos tempos, ha um facto tristissimo e irreparavel que foi uma desgraça nacional — a morte de Saraiva de Carvalho.

Essa lugubre noticia, infelizmente já esperada, veio ao nosso encontro quando acabavamos de ver as provas da nossa ultima chronica, e apenas tivemos tempo e espaço de a registar singelamente.

Tambem noticias d'aquella ordem não necessitam de largos commentarios, a alta importancia do facto está no proprio facto: homens como Saraiva de Carvalho, não necessitam de elogio funebre: o seu nome glorioso diz mais que todo o exercicio de adjectivos apothoticos com que a rhetorica faz os funeraes dos mortos illustres; a sua apothose foi a sua vida, é o grande vacuo que o seu desaparecimento na cova deixa no mundo, é a sensação enorme, geral, unanime, profunda, que a sua morte causa n'um paiz, onde o scepticismo politico radicou em todos os espiritos a indiferença, de que só podem triumphar os grandes colossos, aquelles que pelos dotes excepcionaes da sua intelligencia e do seu caracter, se erguem muito acima da esphera trivial d'esses politicos liliputianos e mesquinhos, que tem estragado e desacreditado completamente a politica portugueza.

A morte em Saraiva de Carvalho não matou só um grande homem, matou a esperança mais cara, mais ardente, mais entusiastica d'um paiz inteiro.

No meio do estado deploravel da nossa terra, n'esta situação anormal politica, que tem durado infelizmente muito, mas que não pôde durar sempre, todos os espiritos são que se preocupam com o futuro de Portugal, perguntam a si proprios o que será o dia de amanhã, para onde é que nós caminhamos, e procuram entre todos os homens que os acontecimentos tem posto em evidencia, qual será aquelle que pela sua capacidade, pela sua energia, pela sua honradez, poderá, n'um momento dado, tomar a direcção da politica portugueza, e imprimir-lhe a vida que ella não tem, a orientação que lhe falta, a seriedade de que carece, a Idéa, de que é completamente vasia.

Saraiva de Carvalho era um dos poucos homens que pelas suas qualidades rarissimas de talento e de pujança, correspondia a essa necessidade fatal: era n'elle que esses espiritos despreocupados dos interesses pessoais das facções partidarias e procurando apenas o interesse geral da Patria, punham todas as suas esperanças.

Saraiva de Carvalho era um dos chefes, naturalmente indicados, do grande partido de amanhã, d'esse grande partido cuja necessidade se faz urgentemente sentir, d'esse grande partido que fatalmente ha de surgir mais cedo ou mais tarde, d'esse immenso oceano de descontentes e de indifferentes, que os erros, os desvarios, as imprudencias de todos os partidos existentes, tem enegrossado dia a dia.

E é n'este momento que Saraiva de Carvalho morre. A morte rouba-o ao paiz exactamente quando elle por unanimidade lhe destinara um papel dos mais importantes na sua historia politica contemporanea.

E por isso que essa morte fez em todo o Portugal uma sensação profundissima, de desconsolo e de desanimo.

Chora-se a perda do grande homem de ontem e de hoje, mas chora-se tambem a falta do grande homem de amanhã.

Não ha só sentimento, ha tambem egoismo n'essas lagrimas, e por isso ellas são mais ardentes, um egoismo no fim de tudo sagrado, não o acanhado egoismo de homem, mas o egoismo patriotico de cidadão.

Ha poucos mezes ainda, este verão, tivemos ensejo de avaliar a grande popularidade de Saraiva de Carvalho.

Por todo esse Minho fóra, todos os homens serios e intelligentes com quem conversámos, pondo de parte os compromissos de partido, n'esses bellos cavacos intimos, em que se despe completamente a preocupação terrivel e ridicula de fazer politica, não tinham senão um nome nos labios, quando fallavam da necessidade urgente e indispensavel de reformar completamente a nossa maneira actual de fazer politica e fazer governo: esse nome era o do homem notabilissimo cuja morte enluctou realmente o paiz, o nome de Saraiva de Carvalho.

Nós que nunca fizemos politica na nossa vida, não iriamos, com certeza, escolher para estreia os dominios lugubres do necrologio, e por isso apressamo-nos em accentuar que Saraiva de Carvalho era assim apreciado, só por si, individualmente, fóra de qualquer ligação partidaria.

N'outro lugar o OCCIDENTE occupa-se largamente do illustre morto, a sua biographia é feita ali, por um seu leal amigo, que o conheceu e tractou muito de perto, e que é ao mesmo tempo, um dos escriptores mais brilhantes e notaveis do nosso paiz, são demasiadas estas rasões para não tentarmos sequer aqui esboçar um perfil incompleto e mal feito de Saraiva de Carvalho, de quem Antonio Ennes faz um retrato primoroso e completissimo, e limitamo-nos a prantear a morte do infeliz grande homem, como portuquez dos mais obscuros, e como amigo dos mais dedicados e humildes.

— Da minha ultima chronica reservei para hoje um assumpto delicioso, e ainda bem, que me vae elle alegrar hoje com a sua graça fascinante e o seu encanto suave, estes periodos tristes e desconsoladores que desabrocharam a beira d'um tumulto querido.

Esse assumpto, é um livro de versos delicadissimos, uma verdadeira perola — *Os Poemetos* do conde de Sabugosa.

Ha muita gente n'esta nossa boa terra que se contenta em ser conde. Sabugosa não se contenta com isso, quiz ser tambem poeta. É uma phantasia seductora que tem passado pela cabeça de muito boa gente; mas de concebê-la a realisá-la vae um abysmo que na maior parte dos casos — para que cital-os, Santo Deus! basta lê-los — engole, com todos os exemplares, e muitas vezes com edições completas, quem tenta transpolar.

O conde de Sabugosa galgou o abysmo triumphante. Quiz ser poeta, e é, e o seu livro marcou-lhe lugar entre os mais delicados e distinctos.

Elle deve estar contente hoje, porque realiso um desejo, e a litteratura portugueza bate as palmas satisfeita ao ver augmentarem-se-lhe as fileiras, tão nuas, no fim de contas, de poetas de talento.

Para os leitores do OCCIDENTE não é com certeza esta noticia uma novidade. Ha tempo, n'uma d'estas chronicas, publicámos, graças á amabilidade requintada do seu auctor, uma poesia deliciosa, do conde de Sabugosa, *A Padeirinha*, que hoje figura n'esse encantador livro — os *Poemetos*.

Sabem já portanto, mercê d'essa amostra primorosa, o que vale n'esse genero delicado e gracioso, o gentil talento do conde de Sabugosa. Os *Poemetos*, são quasi todos n'esse genero rendilhado e elegante, á excepção d'um ou dois, em que a nota sentimental assume proporções tragicas como na *Lamina de Toledo*, um drama terrivel em meia duzia de simples estrophes, finamente cinseladas.

Litterariamente um verdadeiro *bijou*, o conde de Sabugosa quiz que seu livro fosse tambem materialmente, um encanto, um requinte de delicadeza artistica. As edições de luxo estão sendo moda em Portugal, em livros de versos, graças a Avelino Fernandes, mas os *Poemetos* do conde de Sabugosa excedeu em luxo e em elegancia

tudo o que se tem feito na nossa terra, são uma edição modelo.

Basta pegar n'esse livro correr as suas paginas largas, setinozas do mais bello papel, matissadas de deliciosas vinhetas, e graciosos desenhos, tirados a varias cores, para se ver logo que é o livro d'um delicado artista.

Leem-se essas paginas e vê-se logo que é o livro d'um poeta elegantissimo.

Uma descripção deliciosa d'um *boudoir* dá perfeitamente o tom e a linha d'esse encantado volume de versos.

Achamos muito melhor transcrevel-o, do que elogial-o, e conseguir fazer isto, o elogio, pelo melhor dos meios.

Branda cõa-se a luz serena e voluptuosa  
No fofo camarim de seda cõr de rosa.

Em meio da janella as plantas delicadas  
Debruçam para o chão as astes recurvadas,

Deslumbram de Cellini argenteas esculpturas;  
Descançam na parede artisticas gravuras,

N'um quadro uma ramada umbrosa de Corot,  
Além vê-se n'um leque um parque de Watteau.

N'aquelle contador (um movel Renascença)  
Ha louças do Japão e pratos de *fayença*,

Respiram-se no ar perfumes elegantes,  
Aromas de violeta, efluvios penetrantes.

Um formoso animal, um cão felpudo enorme  
O fochinho nas mãos junto a um piano dorme.

Dorme, sonha talvez n'uma criança linda,  
Que elle salvou no mar, ha pouco tempo ainda

Espalham-se na mesa illustrações formosas,  
Albuns de Gavarni, paysagens deliciosas.

Entre os livros se vê um lapis encostado,  
N'um album meio aberto, ha pouco abandonado,

No candido papel avulta em traço fino,  
O accentuado perfil d'um rosio masculino.

Uma gentil morena, a trança cor de amora,  
N'um commodo sophá distrai-se encantadora.

Abre-se-lhe nas mãos um livro: as *Miniaturas*  
Sonha a virgem talvez phantasticas venturas.

Vamos, indiscripção! A pagina o que resa?  
Lê-se no alto — *CA noiva*; advinhei, marquesa.

Gervasio Lobato.

## SARAIVA DE CARVALHO

No nosso paiz, a opinião geral só acha grandes os homens publicos quando os vê estendidos no caixão. As invejas e rivalidades, os antagonismos partidarios, as desconfianças populares não lhes reconhecem e applaudem os serviços senão quando elles já não podem prestar mais nenhuns. A popularidade consente muitas vezes em ser galardão posthumo, mas raro quer ser incentivo e fortalecimento; a sua expressão predilecta e quasi exclusiva é a saudade.

A saudade que carpiu juncto do athaúde de Saraiva de Carvalho foi sincera; não tinha a quem deixar cartões de visita que podessem valer de memoriaes no futuro. E comtudo Saraiva só teve uma curta vida para semeiar e cultivar sympathias e admirações, e essa apertada sempre no quadro da nossa politica rasteira e da nossa sociedade burgueza, quadro mesquinho que encurta e comprime as figuras. Mais ainda. Não era d'esses homens que disseminam a amizade pulverizada em sorrisos e obsequiosidades, homens *serviçoes* que organisam em torno de si uma clientella d'interesses lisongeados. Tão pouco pretendia deslumbrar; não tinha a vaidade de que tantos fazem pedestal para transmittir aos outros a propria convicção de que possuem a *linha* para estatua. Vivia quasi isolado, sem luxo, chãmente, livre, accetando mais do que buscando a grandeza e a celebridade, e accetando-as com a condição essencial de lhe não tirarem a independencia. Não era cortezaõ da fama, nem sequer da amizade.

A sua figura dizia muito do seu caracter. Alto, desempenado, com a cabeça sempre erguida, bem se via que nunca se ageitara á gymnastica das transigencias, das hypocrisias, das astucias. Andava com o passo aberto e rapido da actividade corajosa. Tinha os movimentos largos e por vezes bruscos da franqueza, e uma certa deselegancia propria de quem só se revê no espelho das suas obras uteis. O util era effectivamente a

sua aspiração e a sua norma. Faltavam-lhe no organismo instinctos artisticos, assim como tons suaves na physionomia. O bello não o seduzia. Muita razão e pouca imaginação; muita consciencia do dever e força de vontade para o cumprir, mas raras inspirações do coração. Amigo leal e firme, mas sem mimos e delicadezas affectuosas. Homem forte, em summa, com alguma dureza; arvore de substanciosos fructos e rijo lenho, porem de sombra escassa e sem flôres brilhantes.

Estas qualidades davam-lhe superioridade na vida positiva da politica, quando condescendia em consagrar-se-lhe. Permittiam-lhe pôr ao serviço da sua lucida e solida intelligencia uma actividade sem distracções e uma energia sem fraquezas. Trabalhava então dedicadamente, com o mais sincero empenho de acertar, e luctava com paixão, apesar de não ter crença — asseguram-n'o os seus intimos. É uma singularidade do seu character, esta. Saraiva não gostava do mando, porque lhe comprehendia e sentia as tremendas responsabilidades; preferia mandar em si proprio e ser só elle a mandar em si. As altas posições em nada lhe podiam augmentar o bem estar, já assegurado pela riqueza, nem a consideração, grandegada pelo talento; e a sua independencia de character e de viver achava-se mais á vontade dentro do casacão burguez do que da farda dourada de ministro. Também não era homem para se deixar arrastar e constringer por influencias alheias. Porque se sujeitára, pois, ás amarguras e aos sacrificios da politica? Por dedicação ao paiz? Este Israel d'Affonso Henriques de que tantos Magicos se inculcam Messias, julgava-o elle perdido sem remedio: entendia, pois, que atirava com as joias do seu talento e da sua dedicação a um mar d'aguas corruptas, que dos seus honrados esforços nem ficaria proveito para a patria nem reconhecimento para elle.

É, todavia, trabalhava, luctava, sem consentir que o desalento que lhe ia n'alma se petrificasse em egoismo ou resumasse em indifferença. Cumpria a sua obrigação sem olhar para os lados; desonerava-se do seu quinhão de responsabilidade na ruina que previa; lidava para desmentir os seus proprios vaticinios. Nobre exemplo de cumprimento austero do dever: exemplo bem digno de se inculcar n'esta nossa época de esmorecida frouxidão, de cobardia que se desculpa com a falta de crença, de apathia egoista que allega a inutilidade do esforço! Os seus amigos fizeram bem em revelar-lhe a descrença, pois que ao mesmo tempo poderam inventariar os seus trabalhos e os seus serviços. Crentes que essa revelação entibiase, poucos ha infelizmente; ha, porém, muitas inercias a que deve servir de lição a corajosa energia de Saraiva de Carvalho, athleta sem esperança de premio nem de triumpho.

As sympathias que hão de perpetuar a memoria do illustre caudilho progressista também nasceram das suas convicções politicas. Disse-se ahi que Saraiva de Carvalho era como a ponte pela qual havia de passar um partido monarchico para o campo republicano; a comparação não é exacta. A verdade é que no espirito do nobre estadista todas as legitimas aspirações da democracia se conciliavam sem esforço com a utilidade da instituição monarchica. Queria o throno baseado no direito da nação, presidindo aos progressos que hão de ir fundindo as diversas camadas sociaes e repartindo igualmente por todos os individuos os beneficios da sociabilidade e a sollicitude do estado, promovendo esses progressos e contrabalancando a preponderancia que os organismos politicos e economicos ainda asseguram á burguezia, para lhe impedir os abusos interesseiros. Este modo de comprehender o papel da realza no nosso momento historico é porventura mais eficazmente revolucionario, e por certo mais seguramente progressista, do que os programmas republicanos que, quando postos em practica, apenas produziram uma alteração no modo de ser do poder executivo, alteração superficial e ao mesmo tempo prejudicial, pois que deixaria o predomínio d'uma classe sem contrapeso e sem correctivo possivel, a não ser na força ephemera da revolução. Saraiva de Carvalho não pensava, pois, em destruir a monarchia, mas sim desejava pô-la á frente da evolução social, que ella pôde facilitar e ordenar; não lhe dava por finda a missão, pretendia que essa missão se adaptasse ás circumstancias do presente, tendo por falso, como o é realmente e a historia prova, o preconceito que a considera como um poder essencialmente conservador e immobilista. Era monarchico e democrata; e ao mesmo tempo que servia lealmente a corôa, esforçava-se por melhorar as condições intellectuaes e economicas das classes populares, para lhes preparar,

para preparar ao *quarto estado* logar na sociedade e influencia no seu governo, em egualdade de termos com os outros elementos que se teem revelado na direcção social.

Creio ser este o pensamento politico de Saraiva de Carvalho. As suas sympathias pelo povo eram tão sinceras como o povo como que as sentiu e agradeceu. Se, pois, a vida do illustre estadista se houvesse prolongado, é de presumir que a sua acção contribuisse para estabelecer uma alliança entre a monarchia e as classes populares e trabalhadoras, que porventura teem hoje interesses communs, semelhantes aos que no fim da idade media ligaram os reis da Europa latina com as communas. Estava-lhe reservado um brilhante papel; a morte foi uma perda nacional, e o paiz comprehendeu-o instinctivamente, rodeando-lhe o athaude com os mais sentidos preitos da dôr.

A. E.

## O OTHELLO

### I

Shakspeare, Ben Johnson Beaumont e Fletcher foram os grandes fundadores do theatro inglez; mas apesar das obras primas que legaram á posteridade, Shakspeare, o gigante, quasi que ofuscou todos os seus illustres contemporaneos, e primeiro entre os primeiros, as suas obras ficaram sendo para os inglezes objecto d'um verdadeiro culto nacional.

Em Inglaterra o ver um *good Shakspearean scholar* — (bem versado em Shakspeare) constitue um documento de boa educação, e ai do *gentleman* ou da *lady* que não pode recitar de memoria os trechos principaes das ultimas obras do colossal poeta dramatico.

O *Hamlet*, *Othello*, *Macbet*, *Romeu e Julieta*, *Shylock*, *Rei Lear*, e *Ricardo III*, são considerados como as obras primas do poeta do *Avon* e as mais proprias da scena moderna; comtudo as suas peças, quer tragedias quer comedias, teem todas visto a luz da rampa, inclusive o *Sonho d'uma noite de verão*, que por muito tempo foi julgado improprio da scena, e que o eminente tragico e critico Charles Kean, conseguiu fazer representar no *Princess Theatre*, em 1854, tendo resolvido difficuldades quasi insuperaveis de *mise-en-scene*, e auxiliado por uma especie de conselho Shakspeareano composto dos principaes escriptores, pintores, esculptores, ensaiadores e ensaiadoras da Inglaterra, e protegido com avultadas quantias pela aristocracia ingleza.

Esta representação do *Sonho d'uma noite de verão* marca na historia do theatro Shakspeareano uma data memoravel, e d'então para cá as representações das peças de Shakspeare ficaram sendo em Inglaterra verdadeiras lições d'arte, tal é o rigor historico de trajos e scenario, e a magnificencia de espetaculo com que se apresentam a publico as suas peças. Escusado é dizer que a critica vigia escrupulosa e severamente estas representações, sujeitando-as a uma analyse minuciosa.

A maior ambição do actor ou da actriz inglezes é apresentar á luz da rampa interpretações pessoais dos personagens principaes de Shakspeare que consigam satisfazer ao publico e principalmente á critica. Produzir um *new reading*, isto é, dar uma interpretação nova a qualquer trecho obscuro do mestre, — é a sua maior gloria. Estes factos repetem-se igualmente nos Estados Unidos.

Levar-nos-hia muito longe a innumeração de todos os eminentes interpretes do grande poeta desde o reinado da rainha Isabel, em que elle floresceu, até aos nossos dias; limitar-nos-hemos ao periodo do renascimento shakspeareano, citando na cabeceira do rol o grande David Garrick, tragico eminente que brilhou nos fins do seculo passado e que, circumstancia entre nós quasi ignorada, é até certo ponto nosso compatriota, visto ter nascido em Lisboa. Foi para Garrick que o celebre critico Coley Cibber refundiu as obras de Shakspeare, condensando-as e expurgando-as de certas rudezas para as tornar compatíveis com o gosto mais avançado da sua época.

D'então para cá estas obras, successivamente modificadas por criticos illustres, contam no numero dos seus interpretes mais brilhantes os tragicos Kemble, o grande Kean, o legendario companheiro das rapaziadas de Jorge IV, Farren, Phelps, Macready e mais tarde Carlos Kean, filho do primeiro Kean, Fechter, e recentemente Barry Sullivan e H. Irving, que é a celebridade actual, e Herman Vezin, mais recente ainda, e entre as actrices, Mrs. Siddons, H. Fawcitt, Ch. Kean, miss O'Neil, miss Terry, etc., etc.

Os Estados Unidos tem produzido alguns tragicos notaveis, entre outros Forrest, a quem os inglezes comparam o celebre Rossi e Booth. Este

ultimo representou ha pouco em Londres o *Othello*, e o publico inglez poude fazer um estudo curioso, porque Booth e Irving alternando entre si os dois principaes papeis, representaram hoje o *Othello*, o que hontem fizera o Yago e vice-versa. Recentemente ainda esteve em Londres outro actor americano, que é nos Estados Unidos o competidor de Booth, e que foi applaudido pelas platéas inglezas.

A Allemanha nacionalisou também as obras do grande William, representando-as com o rigor, a *mise-en-scene* e acabamento artistico que distingue o theatro allemão, onde o impossivel desaparece perante a vontade do auctor e do ensaiador, e conta entre os interpretes de Shakspeare nomes que rivalisam com os primeiros de Inglaterra, taes como o do professor Karl Haase, Sontag, E. Devrient, um dos maiores actores d'este seculo, Tagibach, Barnay, etc. A Suecia, a Dinamarca, a Hollanda, a Russia e a Polonia, possuem traducções de Shakspeare, e contam muitos tragicos notaveis na interpretação das concepções e caracteres shakspeareanos.

A Italia tem tido artistas célebres na tragedia, alguns dos quaes arrostam triumphantes com o repertorio shakspeareano. Citaremos o grande Modena que, por não ter nariz era obrigado a usar d'um de prata para representar, e os seus dois discipulos Salvini e Rossi, e a celebre tragica Ristori. Em Hespanha, Julian Romea arrebatou em tempo as platéas, com a sua interpretação do *Othello*. Em França teem-se feito algumas tentativas pouco felizes para crear na scena os heroes de Shakspeare, entre outras as de Ligier, e ainda este anno a do pseudo tragico Taillade. A critica ingleza porem, estigmatizou estas tentativas, considerando-as como destituidas de valor litterario ou historico; opinião que aliás os inglezes teem em geral dos que elles chamam os shakspeareanos continentaes, referindo-se mais especialmente aos italianos, para os quaes abrem apenas duas excepções, o Salvini e a Ristori, que elles admiram ao par dos seus artistas de primeira ordem.

No Brazil o notavel actor João Caetano representou o *Othello*, com distincção.

Portugal era portanto, o unico paiz da Europa civilisada que não tinha até hoje as obras primas de Shakspeare nos repertorios do seus theatros.

Não ha insignificancia litteraria franceza, que não tenha atravessado o nosso palco; Portugal conhece de cór e saltado todo o repertorio dramatico da França, desde os heroes de papelão do sr. Scribe, até á *charcuterie* melodramatica do tetrico Bouchardy, e ao mesmo tempo desconhece completamente as obras primas das quaes litteraturas dramaticas do norte, das quaes apenas a *Maria Stuart* de Schiller, e o *Gladiador de Ravenna* de Halm, conseguiram penetrar em Lisboa.

Emquanto a Shakspeare, Lisboa só o conhecia no theatro pelo *Othello* do sr. José Romano, e o Porto pelo de Braz Martins, tentativas infructuosas.

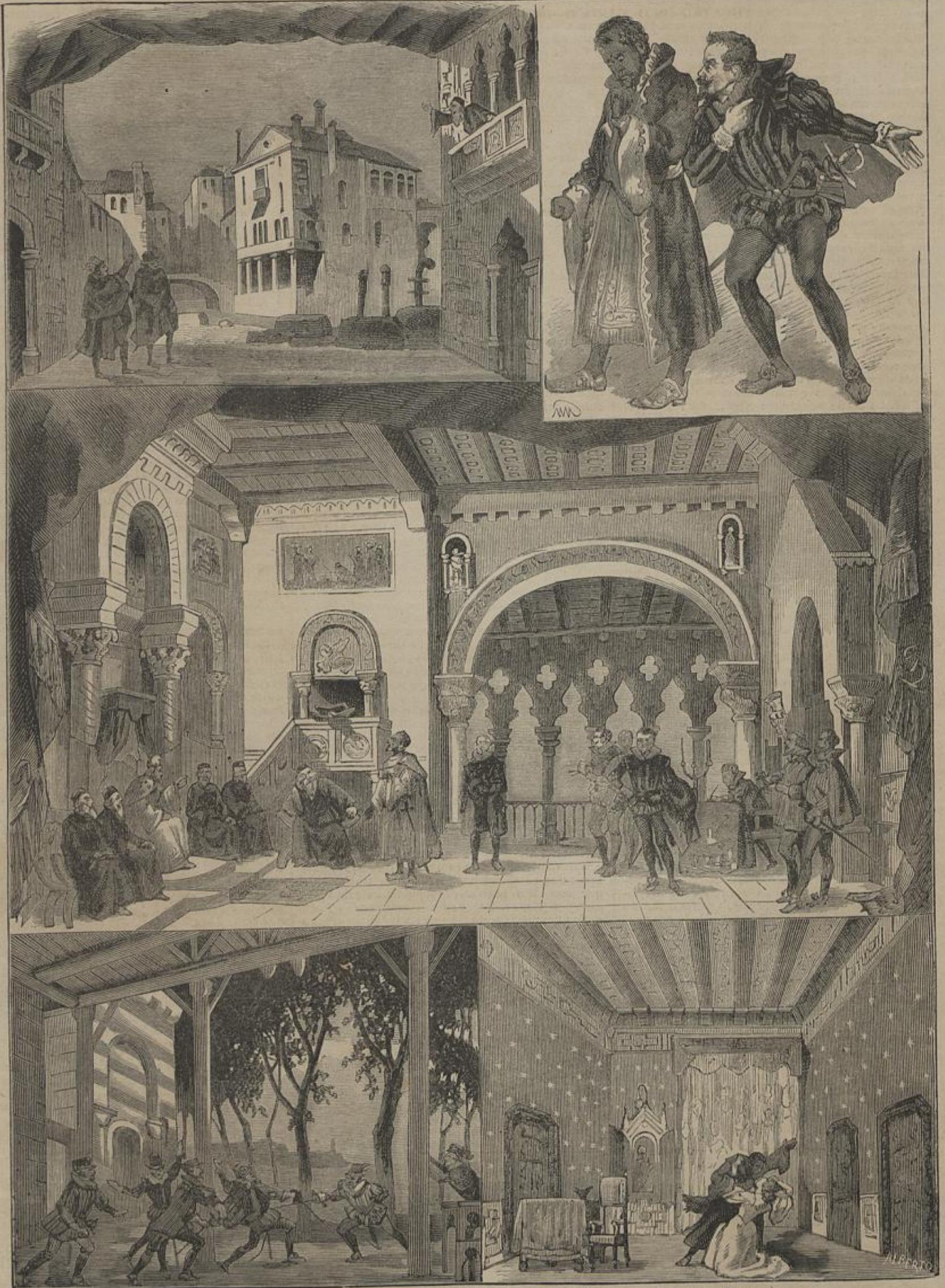
Em Coimbra o sr. dr. Luiz da Costa representou o *Othello*, no theatro Academico, com geral applauso, mas parece-nos que era apenas o *Othello* de Ducis.

Brazão artista de grande intelligencia teve a bella inspiração de pagar a grande divida, e pensando, e pensando bem, que o actor precisa de vez em quando sahir da esphera asphixiante e limitada do repertorio moderno, para se retemperar no estudo dos grandes ideaes gigantes, que as peças triviaes de hoje, epopeas de *coctes*, e casos de visinha de escada, excluem da arte dramatica os grandes temperamentos artisticos, e os grandes interpretes de paixões humanas — testemunha a França, que apesar do seu conservatorio perfeito, com professores como Beauvallet e Ligier, e com as suas largas subvenções pecuniarias não consegue arranjar tragicos acima do nivel de Mounet-Sully, acima d'essa raça de actores, cuja pujança artistica se mede pela força dos pulmões, e de quem dizia Lafont: — *ils tonnent sur les conjonctions!* — Brazão considerando que o estudo eventual do grande repertorio é para o actor o mesmo que é para o pintor o estudo d'uma grande obra dos mestres do renascimento, e para o habitante anemico das cidades, um mez da vida sadia e livre dos campos respirando o grande ar que varre os cumes das montanhas, metteu hombros a essa empreza gigante, e vencendo com o seu talento e com a sua tenacidade todas as enormes difficuldades que se antolhavam á realização d'esse desejo nobremente artistico, deu finalmente a Portugal uma representação seria, digna, brilhante, d'uma das mais colossaes obras do immortal poeta, — o *Othello*.

E d'essa representação que vamos fallar.

(Continua)

Spectator.



THEATRO DE D. MARIA II — REPRESENTAÇÃO DO OTHELLO DE SHAKSPEARE

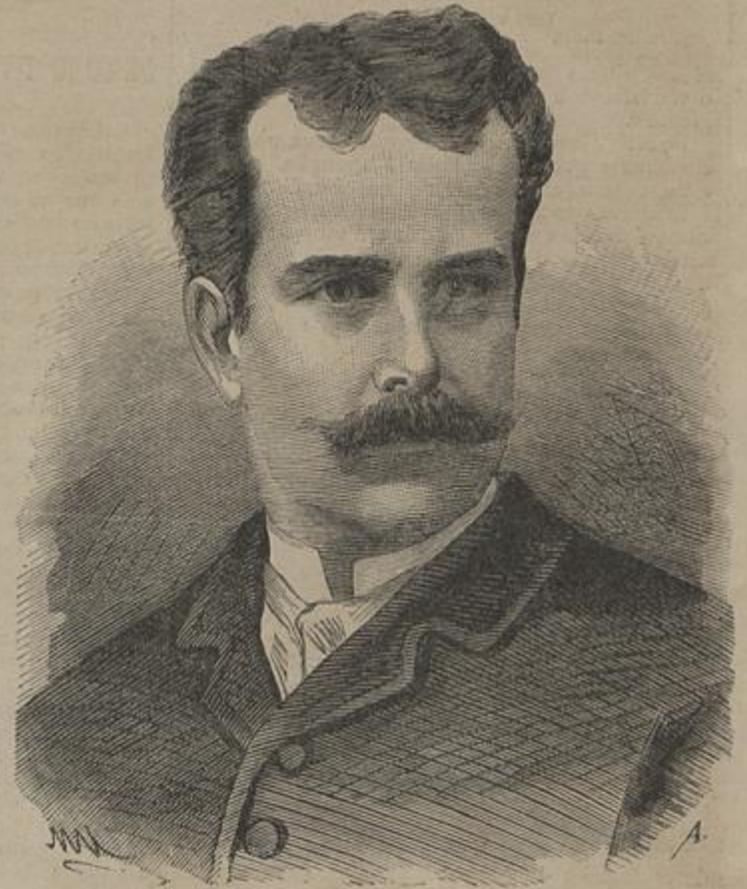
1.º ACTO, 1.º QUADRO — OTHELLO E YAGO — O TRIBUNAL — 2.º ACTO, ILHA DE CHYPRE — 5.º ACTO, OTHELLO E DESDEMONA

Scenario de Luigi Manini (Desenho de M. de Macaló)

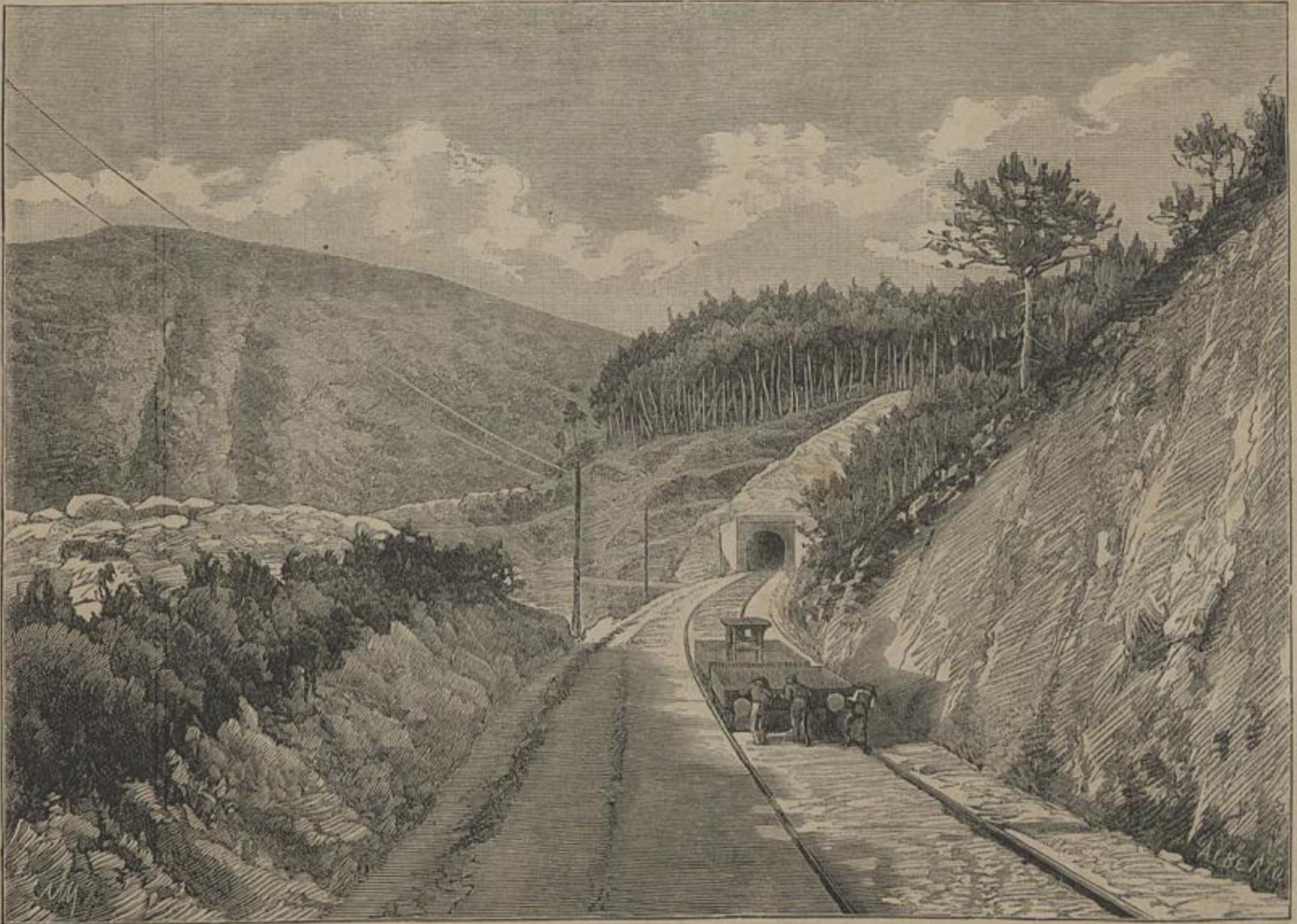
## THEATRO DE D. MARIA II — REPRESENTAÇÃO DO OTHELLO DE SHAKSPEARE



O ACTOR EDUARDO BRAZÃO (Segundo uma photographia de Rocha)



O ACTOR JOÃO ROSA (Segundo uma photographia de Fillon)



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES—TUNNEL DO MONTE DE LOBOS, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA. Vid. artigo Caminho de Ferro da Beira pag. 235

(Segundo uma photographia de E. Biel)

## AS NOSSAS GRAVURAS

CRUZEIRO EM FRENTE DA EGREJA  
DE VILLA VIÇOSA

O fallecido Luiz Vermell, nas repetidas excursões artisticas que fez no nosso paiz, copiou para o seu album a cruz que faz o assumpto da nossa gravura.

O artista notou n'esta singular cruz uma circumstancia que lhe chamou a attenção, e foi o estar entrelaçado na mesma um dragão.

Effectivamente torna-se digna de reparo esta circumstancia, e a muitos causará estranheza esta associação de dois emblemas tão diversos. Entretanto um sabio antiquario explica-nos este facto, achando a rasão d'elle, em ser este monumento obra dos Duques de Bragança, cuja divisa é um dragão.

## O NOSSO SUPPLEMENTO

«UN BAQUERO»

Quadro de D. Casto Plasencia

A nossa gravura, copia de um quadro com que o eminente pintor hespanhol D. Casto Plasencia, por intermedio do sr. conde de Almedina presenteou a nossa academia real de bellas artes, representa uma individualidade para nós inteiramente desconhecida.

O *baquero* é em Hespanha o encarregado de escolher nas grandes manadas, os touros que melhor se prestam ao toureio. Para isso, corre após o animal picando-o em occasião propria com o enorme aguilhão que leva consigo; e, conforme o touro reponta, prosegue ou cae, assim elle conhece das suas qualidades para ser corrido na praça.

O quadro do sr. Plasencia tem os brilhantes dotes de colorido que caracterizam os seus famosos trabalhos. Talvez se lhe possa notar uma ou outra incorrecção; como, porém, não ha obras perfectas e completas, aquellas que reúnem maior numero de qualidades boas são sempre valiosas, e n'este caso está a que o sr. D. Casto Plasencia deu á nossa academia.

A generosidade e os meritos do distincto artista grangearam-lhe a honra de ser agraciado pelo governo portuguez, com o grau de cavalleiro da ordem de S. Thiago.

Quando ultimamente estive em Madrid, tive occasião de ser apresentado ao sr. D. Casto Plasencia. É um rapaz sympathico, alto, louro, bem parecido. As paredes do seu vasto *atelier* estão cobertas de estudos variados, que revelam o talento e a assiduidade no trabalho do valente pintor.

D. Casto Plasencia ficou orphão de pae e mãe aos oito annos. Desherdado de meios de fortuna, succumbiria á miseria se um amigo de seu pae, que fôra um notavel medico, lhe não estendesse mão protectora. O brigadeiro Sandoval encarregou-se da sua educação artistica, e em tão boa hora ella foi começada que proseguiu brilhantemente, concluindo-se em Roma onde o habil artista, companheiro de Fortuny e de Pradilla, se tornou verdadeiramente notavel, sobretudo com o seu quadro *Origem da Republica Romana*.

Esta grande composição esteve exposta n'aquella capital por muito tempo, causando em todos excellente impressão. Os jornaes teceram-lhe os maiores elogios, e muitos poetas cantaram as bellezas da formosa tela do grande artista, entre os quaes o academico italiano A. Mattety n'um precioso soneto. A famosa obra de Plasencia obteve a primeira medalha de ouro na exposição hespanhola de 1878, e a terceira na exposição universal de Paris.

Entre varios retratos que Plasencia pintou em Roma, figura o do patriarcha das Indias.

Em Hespanha, executou depois o retrato de el-rei e diversas obras importantes para abastados particulares. Entre estas, são verdadeiramente dignas da maior attenção os tetos que pintou no palacio do marquez de Linares, sobresaindo os que tem por assumpto o *Toucador de Venus*, a *Noite* e os *Brinquedos de amor*.

Ultimamente occupava-se na decoração da cupula monumental da egreja de S. Francisco, o Grande, e na illustração do magnifico poema de Nufez de Arce, intitulado *El Vertijo*.

Quando um pintor chega a possuir tantos titulos que o recommendam e lhe engrandecem o nome, tem adquirido os raros foros de artista de primeira plana, e as suas obras, de mais ou menos vasta composição, mais ou menos cuidadas, são sempre apreciaveis e valiosas. Por isso, o quadro que n'este numero dá em gravura o

OCCIDENTE, é uma das telas mais dignas de attenção que enriquecem a galeria das obras modernas da academia real de bellas artes em Lisboa.

Rangel de Lima.

## DE COMO TIVE UM D. MANUEL DE PRESENTE

(Conclusão)

—Digne-se vossa magestade attender que a historia da minha vida não serve só para divertir em quanto se estiver ouvindo; pela mesma arte que os cirurgiões receitam ás vezes purgantes agradaveis, assim ha tambem destinos estravagantes de que possam tirar-se lições de utilidade. Estimo em muita maneira as acções, embora imprudentes, da minha vida. Dei provas de valor como voluntario nas fileiras do regimento de dragões, entrei na tomada de Temesvár, onde fui ferido; tratou-me o principe Eugenio com grande estimação; e quando cheguei a Vienna em 17 de novembro, fui grandemente recebido no palacio imperial. Não me consentiu o animo parar ali, é certo, e fui-me de viagem á Hollanda. Deram-me, porém, as saudades da guerra, e voltei ao exercito outra vez, com tanta fortuna que tomei parte na acção das muralhas de Belgrade e na tomada da praça. Loucuras? Ser-me-hia penoso, de qualquer modo, soffrer que me accusassem por ellas... Corcunda que seja o filho, nenhum pae gosta que, para lh'o endireitarem, queiram cortar-lhe a corcova... Não convém de nenhum ponto a côrte ao meu caracter vagabundo; desacostumado de creança, das augustas sopas do paço, cheguei a preferir algumas vezes aos festins de apparato o mastigar em secco, fazendo cruces na bocca sem ser beato... Quando em 1719 obtive o commando do regimento de couraceiros do conde de Gronsfield, com uma pensão de cincoenta mil florins, respirei como havendo ganho uma grande batalha, eu sóinho, a batalha da vida, a de ganhar o meu logar sem que pudesse duvidar-se de que só a mim o devia. N'uma manhã em Praga, na coroação de Carlos VI e da imperatriz Isabel Christina, caiu-me uma lagrima em cima do Tosão de ouro, que me fôra dado logo depois de me ser concedida a pensão; vinha do meu orgulho aquella lagrima, e de estar contente de mim proprio, o essencial para mim. Estabelecida a paz, fui-me a estar dois annos em Madrid, nem bons nem maus. Uns queria.n ali emprehender de novo a campanha fradesca, de lograrem de mim que seguisse d'aquelle dia em diante o estado ecclesiastico; outros riam commigo d'aquella teima. Não se cançou pouco o cardeal Bentivoglio na diligencia de me armar com um chapéu que me viesse do papa.

Parece que se dignou D. João V dar, n'esse ponto, a seu irmão, explicações-demoradas a tal respeito; afirmar-lhe não haver nunca annuido aquellas propostas, e ter sempre combatido as diligencias de Bentivoglio, não sem declarar singelamente a seu irmão que o Papa tambem, por sua parte, se havia mostrado em tudo isso um pouco frio.

D. Manuel mostrou-se grato; e a côrte pareceu encantada da expressão amavel, que principiava a estabelecer-se entre D. João V e o seu extravagante irmão.

A grande scena foi essa. Mais tarde, o mancebo continuou, por vezes, referindo ao rei os casos da sua vida agitada, parecendo sempre, como a Scheherasada das *Mil e uma noites*, querer conservar suspensa e presa a attenção de D. João V; succediam-se as narrativas, multiplicavam-se os episodios, verdadeiros, fieis, exactissimos sempre, mas incompletos na ligação que os encadeava, ora a sua estada em Genova nos ultimos meses de 1728, ora os dias de Milão, ou de Veneza: depois em 1730, as viagens na Hungria, na Polonia, o ir parar a Moscow e as diligencias empregadas em solicitar primeiro a mão da imperatriz, e logo depois da mão da imperatriz, a mão da sobrinha da imperatriz, não logrando alcançar nem uma nem a outra, dando um trabalho immenso áquella gente toda para conseguir ver-se livre d'elle, e tornando-se caustico a um ponto que lhe alcançou do imperador da Austria interessar-se vivamente em lhe fazer as pazes com D. João V, o que o infante não teria que agradecer-lhe, visto como todo o empenho d'aquelle protector tivesse apenas em mira vê-lo ausentar-se. Fizeram-se negociações, e ajustou-se comprar-lhe terras na Allemanha com os apangios atrazados de que se lhe estava em divida, recebendo de Portugal a dotação annual que lhe competia; não tendo nunca mais o imperador de lhe dar a pensão que lhe concedera até essa data, e deixando-lhe ainda o regimento para não ter ares de lhe tirar tudo...

Mas o nosso heroe achou isso pouco, e apresentou-se como um dos candidatos á corôa da Polonia, disponivel por aquella occasião.

O melhor porém, não é isso, e assim se prova o quanto a fortuna ajuda os audaciosos; o melhor é que, pela convenção de 13 de dezembro de 1732, que tomou o nome do conde de Löwenwold, irmão do marechal, combinaram a Austria, Russia, e a Prussia excluir todo e qualquer candidato que a França recommendasse, e, em resultado d'essa conspiração, dirigiram para elle os seus suffragios.

A estrella, porém, logo depois de luzir, sumiu-se. Fôra fosquinha da sorte, apenas, aquella sorriso fagueiro! A Russia não queria de veras tal candidatura, e a Austria abandonou-a tambem. O fervor da ambição, e a desesperação que lhe afrontava o orgulho, nem puderam mitigar-se pelas dadas que lhe fizeram, nem pelo agrado que lhe mostraram na côrte; minava-o uma idéa fixa, e essa idéa era a do casamento. O throno da Polonia, tornára-se em sonho predilecto das suas ambições e dos seus desvellos. N'uma manhã, ou porque a impaciencia lhe não permitisse esperar por mais tempo, ou porque o animo lhe dissesse que era chegado o momento, abriu-se com o rei, e afirmou terminantemente o empenho que o dominava.

D. João V parece que, com modo ironico escutou a confidencia; e com demonstração de enfado, se recusára absolutamente a deixar o infante celebrar contrato de casamento.

Assim se torvou, e de vez, a tranquillidade d'aquella amena visita. D. Manuel deliberou logo partir, e deixou Lisboa de repente em 14 de setembro de 1733, de noite. Para onde foi, como foi, com quem foi, é o que não pôde apurar-se das notas onde colhi esta noticia. Informações encontradas e diversissimas, dão-o por fugido em companhia de um sacerdote seu confessor e de um D. Rodrigo de Castro; pretendem insinuar que elle havia mandado na vespera comprar uma quantidade de joias de alto preço; que andára n'isso um frade, o qual os acompanhou assim como alguns creados; e, tambem, que nada d'isso fôra, e que partiria com uma mulher por quem andava rendido.

Em 1742, quando D. João V teve o primeiro ameaço de ataque apoplectico, mandou-o chamar ou elle lhe appareceu aqui por seu livre alvitre: o caso é que se achava em Lisboa por morte de el-rei, e correu pouco tempo depois o boato de o haverem querido raptar tres corsarios de Argel andando elle a passear fóra da barra de Lisboa n'uma *burgarta*, provavelmente alteração de *bergantim*.<sup>1</sup>

Escapou de mais essa, e o rei D. José augmentou-lhe o tratamento e deu-lhe um palacio que a nota tem a innocencia de declarar haver sido edificado á custa do thesouro, como se já tivesse havido suspeita de que um rei d'esse coiza d'essas sem ter pelo thesouro a attenção de lhe incumbir os gastos: proporcionando a este heroe acabar seus dias na commodidade e abundancia com que n'este mundo, de umas vezes o maioral, de outras a sorte, gratificam, não raro, os que nunca pediram á vida senão o direito de fazer desatinos.

Outubro, 18 — 1881.

Julio Cesar Machado.

## CARLOS RIBEIRO

(Conclusão)

Lisboa deve a Carlos Ribeiro um grande beneficio. Tendo tido occasião de reconhecer as nascentes de agua de Bellas, indicou n'uma memoria

<sup>1</sup> Da historia Genealogica de Antonio Caetano de Sousa, tomo oitavo, colhe-se que D. João V e a familia real embarcavam em *bergantim*.

— A pag. 5\* (da dita historia) descrevendo o casamento de D. João V, e de como elle fora visitar a rainha sua esposa, e conduzida de bordo ao paço, diz: «Ao entrar el-rei no *bergantim* real, que era de uma admiravel e rica esculpturas... etc.

A pag. 108 descrevendo uma pescaria que o dito rei foi ver á villa de Azeitun diz que: «Para este effeito se mandaram ir quatro *bergantim* bem equipados... Depois d'elrei ver a pesca embarcou no *bergantim* real com os infantes.»

A pag. 114 mencionando a ida do mesmo rei a Setubal, diz que no rio da mesma villa entrou no *bergantim*...

A pag. 213 diz que indo a villa Viçosa, (1716). «Passou el-rei o rio em um *bergantim* real e desembarcando em Aldéa Galega...»

A pag. 264 fallando da entrada do embaixador de Malta (1728) em Lisboa, diz que o conde d'Atalaya, o foi buscar a bordo da sua nau em um *bergantim*, e alguns *escaleres* para sua familia.

A pag. 281 «Sahiu a rainha de Lisboa ás 7 horas da manhã, com a princesa das Asturias... nos mesmos *bergantim* e *escaleres* em que el-rei havia passado no dia antecedente...»

A pag. 299 descrevendo o trajeto de Montijo até Belem, diz da familia real: «Embarcaram no *bergantim* real, que novamente se havia fabricado com grande custo, e ao mesmo tempo que el-rei mandou vogar o seu *bergantim*, o fizeram trinta *escaleres*, em que iam os grandes e senhores da côrte.» etc.

a sua conveniencia, e sendo aproveitadas pelos poderes publicos, serviram á capital de beneficio durante alguns annos, no estio, em quanto as aguas do Alviella não vieram abunda-a.

Condecorado com as medalhas de varias ordens de Portugal, Hespanha e França; socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da sociedade geologica de França, do instituto geologico de Vienna, representára Portugal em varios congressos europeus, e dirigia a publicação que a nossa Academia das Sciencias, no seu soberano desprezo pela lingua patria, intitulou *jornal (!) das sciencias mathematicas, physicas e naturaes*.

Deputado em varias legislaturas, é notavel o discurso que na sessão de 1873 pronunciou com relação ao credito predial.

Ha poucos mezes os padecimentos de bexiga renovaram-se; complicações de afecções hepaticas e cardiacas, segundo ouvimos, determinaram o termo fatal d'esta existencia dedicada ao trabalho e que honrou a sua patria.

Havia sido promovido a tenente coronel em 14 de novembro de 1872 e a coronel em 24 de novembro de 1875. Poucos dias antes de morrer, em attenção a preterição soffrida e ao estado de sua saude, era reformado, competindo-lhe por esse facto o posto de general de divisão, tardia recompensa de seus longos serviços e que nada lhe poude aproveitar.

As 2 horas da manhã do dia 13 do corrente fallecia este homem distincto em Lisboa, onde vira a luz do dia.

Não podendo nós alargar esta resenha biographica, não devemos occultar que Carlos Ribeiro, filho de um simples artista começou a sua vida, como marçano em uma merceria na rua de S. João da Matta, sabendo mal ler e escrever. Que por inclinação natural lia quantos papeis lhe vinham á mão, e sendo isto conhecido pelo patrão e por um militar antigo que frequentava a loja, com este começou a aprender e depois favorecido pelo patrão foi estudando, até seguir o curso superior.

Eis a lista das suas publicações segundo a podemos organizar:

*Reconhecimento geologico e hydrologico aos terrenos das vizinhanças de Lisboa, com relação ao estabelecimento das aguas d'esta cidade.*

Lisboa, na typ. da Academia Real das Sciencias 1857. 4.º de 159 pag. com uma carta appensa.

*Memorias sobre as minas de carvão dos districtos do Porto e Coimbra e de carvão e ferro do districto de Leiria.* Lisboa na sobredita typ. 1858 — 4.º foi traduzido em inglez e publicado nas *Proceedings of the Geological Society*, vol. ix part. 1.ª com o titulo *On the carboniferous and silurian Formation of de neighbourhood of Busaco in Portugal*, By *Senhor Carlos Ribeiro*. With notes and a Description of the *Animal Remains* by *Daniel Sharp, Esq.*

*Considerações geraes sobre a grande conserva d'aguas projectada na ribeira de Carenque, mandadas publicar pela camara municipal de Lisboa, 1854.*

*Relatorio ácerca da sexta reunião do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, verificada na cidade de Bruxellas em agosto de 1872.* — Lisboa, 1873.

*Memoria sobre as minas de chumbo de S. Miguel d'Ache e Segura.*

*Note sur le terrain quaternaire du Portugal. Extrait du — Bulletin de la Société Geologique de France.*

*Quelques mots sur l'age de la Pierre en Portugal. — Extrait du compte rendu de l'association française pour l'avancement des sciences. — 1878.*

*Des formations tertiaires du Portugal — 1880 — Paris.*

*Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz, por Carlos Ribeiro e J. F. Nery Delgado. 8.º, 317 pag. 1 cart. Lisboa, 1868.*

*Discripção de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado, por Carlos Ribeiro, 4.º, 57 pag. 10 est. 1871.*

*Estudos prehistoricos em Portugal: Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos (em portuguez e francez) por Carlos Ribeiro. 2 vol. 86 pag. 7 est. Lisboa, 1880.*

*Relatorio sobre o imposto predial.*

Foi isto o que podemos averiguar.

Bruto Rebello.

## O AMIGO VISCONDE

### II

O comboio seguiu. As janellas da Assembléa d'Espinho estavam todas illuminadas. Perpassavam grupos de senhoras no salão da dansa. Um

piano tocava dolentemente *La Vague* de Metra. A' porta havia um magote de convidados que entrava. As outras casas appareciam todas illuminadas, dando á praia o aspecto phantastico de uma Veneza de *cyriclorama*, vista de noite.

E, logo que o comboio passou a ultima casa, que já fica isolada no areal, ouvia-se apenas o sussurro continuo do mar, e, d'espaco a espaco, o resomnar tranquillo da onda que se espraia!...

Valentina ia a um canto da carruagem, com um *lontra* na cabeça, um casaco de panno alvadio, muito justo ao corpo, apertado com duas ordens de botões de madreperola.

Desde que entrou no comboio, em Arentim, tomou aquelle logar, reclinou a cabeça; e, com os pés estendidos e sobrepostos, as mãos desfaldecidas sobre a curva voluptuosa do ventre, deixou-se ir, calada, abandonada, immovel, com os olhos fechados.

A precipitação da viagem tinha-lhe agitado os nervos; e uma forte enxaqueca atordoava-a, e levava-a ali, prostrada e indifferente a todas as commoções vivas da jornada.

Em Campanhã tinha saltado para tomar uma canja, no restaurante, em quanto Alvaro, sentado defronte d'ella, atacava vigorosamente, cheio de appetite, uma gallinha assada e uma talhada de *roast-beef*. Elle comia com soffreguidão, alegre, os olhos fitos no prato, o busto debruçado sobre a meza; e de quando em quando, affeiçoando uma certa inquietação, dizia:

— Vaes melhor, filha?

Valentina respondia-lhe com um simples aceno de cabeça, fechando os olhos.

Alvaro, então, fazia observações a respeito do restaurante:

— Que bodega! Não se pôde comer aqui! Só por necessidade!

Pediu um calix de vinho do Porto, que bebeu de um trago, pagou a conta e acompañou Valentina á carruagem, passando triumphantemente com ella pelo braço, no meio dos passageiros que lhe abriam caminho.

Em quanto o trem não partia, acendeu um charuto, e principiou a passeiar a sua bella digestão ao longo da gare, olhando distrahidamente para o movimento extraordinario de alfandega, que precede a partida dos comboios. Pensava elle:

— Graças a Deus, que d'aqui a algumas horas estou na minha Lisboa!

A oscillação monotona da carruagem punha Valentina n'uma especie de lethargia. O bater das molas continuado e isochrono, fazendo sempre a mesma nota de baixo do mesmo rythmo, causava-lhe uma sensação agradável, como o embalar tranquillo de um berço. O seu espirito repousava, como acontece quasi sempre com a approximação do susurro do mar. Então, n'aquelle suave e lento balanço do corpo e da alma, dissipavam-se, pouco a pouco, as idéas concretas, como nuvens ligeiras de alvorada que o sol desfaz, a sensibilidade apurava-se, e uns pensamentos confusos e incoerciveis povoavam-lhe a imaginação.

Ah! como ella se sentia bem na doce abstracção do seu espirito, levada, como a Ophelia, á mercê da corrente fugitiva do ideal, e dirigindo-se para um mundo superior, onde o céu era mais azul e o ar tinha mais luz!... Com os olhos fechados, immovel, inerte, em meio d'aquelle susurro, que lhe aniquilava o unico sentido, e que por isso mesmo ia tomando corpo e forma, tinha a sensação vaga do ethereo, e todo o seu corpo ia suspenso e fluctuando...

Ao chegarem a Aveiro, Alvaro levantou-se, olhou para ella, e approximando-se, perguntou-lhe baixinho:

— Como vaes?

Valentina estremeceu. Abriu desmesuradamente os olhos, fitou-os em Alvaro, assustada e surpreendida em meio do seu sonho. Passado um instante de indecisão cruel, despertou-lhe a consciencia da realidade, suspirou e respondeu:

— Vou bem.

Ah! que enorme queda! Como era dolorosa a subita passagem do ideal para a realidade! Ella não queria que a despertassem, não; desejava continuar sempre, indefinidamente, aquella deliciosa viagem pelos mundos côr de rosa da phantasia... Seria agradável morrer assim, sem dôr, sem agonia, sem saudades da terra, tranquilamente... Abrir as azas e deixar-se ir levada, como uma pomba, para os mysterios da eternidade...

Mas vinha agora a realidade, a triste e negra realidade, perturbar-lhe a serenidade da sua alma, como uma pedra que se atira a um lago e lhe quebra a tranquillidade das suas aguas.

— Estamos em Aveiro, filha. Queres sahir um pouco? — perguntou Alvaro. Temos oito minutos.

— Não.

Alvaro então sahiu.

O visconde já tinha saltado. Passeiava com as mãos enfiadas nos bolsos do casacão, encolhido de frio, charuto na bocca, batendo os pés no asphalto.

— Estender o pernil, seu Alvaro? Desenferrujar, ein? E que tal?

Alvaro acendeu tambem um charuto, e soprando-lhe a braza:

— Eu, bem. Minha mulher é que vae incommodada.

O ar de commiserção do visconde!

— Oh! pobre senhora! Então que tem?

Alvaro soceçou logo o amigo; e, mettendo-lhe o braço:

— Nervos! Uma leve enxaqueca. É da viagem.

Depois, passeiando ambos, á pressa, de braço dado, perguntou Alvaro:

— E tu?

— Eu, bem. A Leonide, essa, depois do jantar, cahiu a dormir e... lá vae.

Calaram-se.

Alvaro, apenas ouviu o primeiro signal de partida, disse ao amigo:

— Eu creio que já te apresentei a minha mulher?

— Então? Já. Na igreja, não te recordas? depois do casamento.

O visconde reflectiu um instante, e, tomando a pergunta do amigo por uma insinuação á sua falta, accudiu logo:

— Eu até tencionava ir agora apresentar-lhe os meus cumprimentos, se não incommodasse.

Não queria Alvaro outra coisa.

— De modo nenhum, Luiz. Pelo contrario; até a distraes. Ella vae ali para um canto môna, aborrecida; e eu, francamente, não me entendo. Vem tu, anda.

(Continua.)

Alberto Braga.

## EPIHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1810. — 11. — Morre o illustre mathematico José Monteiro da Rocha, director do observatorio astronomico e vice-reitor da universidade de Coimbra.

1842. — 11. — Representa-se pela primeira vez em S. Carlos a opera *Favorita*, letra de A. Royer e Gustavo Waez, musica do maestro Donizetti. Foi desempenhada pela Boldrini (Leonora) Ferretti (Fernando) Constantini etc. A primeira vez que subiu á scena foi em Paris na academia real de musica em 2 de dezembro de 1840.

1880. — 12. — Morre de uma tysica laryngea Ernesto Biester, notavel dramaturgo contemporaneo.

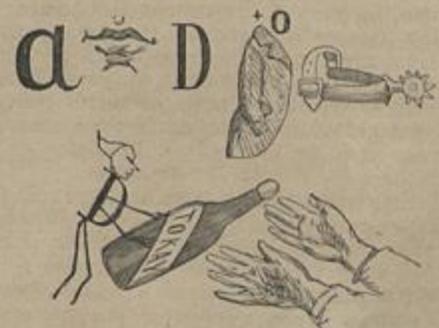
Tinha 51 annos, pois que havia nascido em 1829.

1857. — 13. — Debuta da prima-dona absoluta Fortunata Tedesco, na opera de Donizetti *Anna Bolena*. Entraram n'esta opera, além da debutante, Bernardi, Schwart, Neri-Baraldi, Selingardi e Bouché.

1869. — 14. — É extinto o conselho geral de instrucção publica (que havia sido instituido em 7 de junho de 1859) e creada a junta consultiva de instrucção publica.

1844. — 14. — Representação da nova opera de Donizetti, *D. Sebastião de Portugal*, realisada na grande sala lyrica da academia de musica *Assembléa Philarmonica*, sita no palacio da rua Nova do Almada.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

A belleza é uma letra que se vence a prazo.

1805. — 15. — Morre o arcebispo d'Evora, D. Frei Caetano Brandão, varão de raras virtudes e o mais notavel do clero portuguez no seu tempo. Foi grande prégador. Jaz na igreja do collegio de S. Caetano, que elle fundou em Braga.

As *Memorias de D. Frei Caetano Brandão* foram brilhantemente escriptas por Antonio Caetano do Amaral.

1852. — 16. — É creado o instituto agricola e extincta a escola militar veterinaria, ficando os alumnos da escola aggregados pelo art. 5.º áquelle instituto.

Valdez no seu *Almanach do Exercito* a pag. 390 declara, talvez por lapso typographico, que por decreto de 16 de dezembro de 1851 o instituto ficou debaixo da superintendencia do ministerio das obras publicas, quando é certo que a esse tempo ainda o referido ministerio não era creado pois, como é sabido, só o foi em 30 de agosto de 1852.

1794. — 17. — É abolido o tribunal da real mesa da commissão geral sobre o exame e censura dos livros (que era a antiga mesa censoria) e manda-se que o exame e censura dos impressos sejam feitos pelo santo officio e pelo Desembargo do Paço.

Por esta lei se creou tambem a junta da directoria geral dos estudos e escolas do reino, depois abolida em 15 de dezembro de 1836, para dar logar ao conselho geral, director do ensino.

1823. — 18. — É supprimida a liberdade de ensino primario, que havia sido decretada pelas côrtes.

1878. — 19. — Subito desmoronamento do corpo central do edificio da casa-pia, morrendo esmagados dez operarios.

1660. — 20. — Morre em Almada, Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do prégador do mesmo nome.

Foi auctor do poema *Chauleido* ou o *Cerco de Chaul*, sustentado em 1570 por D. Francisco Mascarenhas.

## ERRATA

Na primeira ephemeride do numero antecedente oude se lê 1875 — 1 — Morre da idade de 47 annos Diogo de Paiva d'Andrade; leia-se 1675 — 1 — Morre, etc.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

PRISMAS E VIBRAÇÕES, *Rio de Janeiro MDCCCLXXXII*. — 8.º pequeno de 216 paginas, pelo sr. Mucio Teixeira. Quando n'este logar temos a falar de varios livros que nos vem á mão, se a penna ou o pincel são novos, e os traços são ainda incertos e pouco marcados, procuramos sem faltar á verdade, ser o mais benevolentes possível; se porém os nomes que se apresentam são largamente conhecidos e apreciados, e tem percorrido já um largo estadio nas letras, a benevolencia fora uma offensa e a indifferença um insulto. Mucio Teixeira é poeta, canta, tem qualidades apreciaveis, abusa porém um pouco da sua facilidade. Na poesia *Revelação*, e ainda em outras partes, ha algumas

d'estas expressões bombasticas, usadas por certos poetastros modernos, que precisam encobrir com esses falsos europeis a carencia do verdadeiro sentimento, que se expressa singelo, claro e fluente: *fulgurações de sóes, ondas de luz em gorgulhões brilhantes*, e tantas outras são bordões que o auctor não precisa empregar. As bellezas estão por demais sabidas, e porisso dá-nos um calafrio quando depois de alguns traços vigorosos, delicados, ou graciosos, vem uma bombardada, uma des-

— 8º pequeno de 248 pagnas. É sempre arrojado querer trasladar á lingua vernacula o que se acha tão altamente esculpido n'uma lingua de genio diverso, de diversa estrutura, e até por um modo de pensar differente do nosso, e quando o auctor se chama Goethe. Não são poucos os que tem cahido. O auctor não se abalançou a tanto. Extrahiu da grande obra do poeta allemão um poemeto, despido de todas aquellas scenas variadas, phantasticas e methaphisicas, vagas e traidiccionaes, que são como que o protoplasma do poema e d'onde surge, como um idyllo no meio das profundas e gigantescas florestas do novo mundo, o amor, essa eterna idealisação do pendor sensual da nossa animalidade. Não gostamos das *excellencias* dos primeiros versos, que nos arrancam das gentilezas da idade media, para o acanhado e utilitario prosaismo da sociedade hodierna. Ha muitos versos bons no poema, ha mesmo muita facilidade, fluencia e naturalidade no dialogo, mas porque nos não deu o auctor uma obra sua propria, e preferiu dar-nos mais uma vez um retrato infiel da obra allemã, tantas vezes falsificada?

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS. — cada volume 50 réis. — ... segundo anno sexta parte — 1882 — *David Corazzi*, editor. *Empreza Horas romanticas* — premiada com medalha de ouro na *Exposição do Rio de Janeiro*, Administração: 40, R. da Atalaya, 52, Lisboa — Filial no Brazil: 40, R. da Quitanda, Rio de Janeiro. — Temos sobre a mesa os fasciculos 41 e 42 que tratam: o 1.º da *Escrepturação Commercial*, especialmente accommodada ao ensino dos que frequentam o curso dos *Lyceus*, e o 2.º da *Anatomia humana, illustrada com 27 gravuras*. Qualquer dos dois fasciculos é de maxima utilidade. Todo o homem pôde estar, mais ou menos, collocado agora ou logo em circumstancias de ter que entender de escripturação commercial, e com quanto haja muitos livros e compendios que tratem do assumpto largamente, nada mais conveniente do que um pequeno tratadinho, onde se acham condensadas as principaes regras, principios, preceitos e explicações, que n'um momento se pôde consultar e trazer sempre no bolso, quando o individuo se ache nas circumstancias referidas. O 2.º porém, é de applicação geral; e assim como todo o operario, todo o musico, tem absoluta necessidade de conhecer minuciosamente a construcção, registos, recursos do instrumento de que se ha de servir para ganhar o pão quotidiano, muito maior é o que cada um tem de conhecer a anatomia do seu corpo, que é o principal instrumento que tem a empregar e applicar nos usos da vida que tem de exercer. Este voluminho junto aos outros: *Os Mammiferos, O Homem na série animal, Hygiene, Gymnastica*, completa-os e faz com elles um grupo de conhecimentos indispensaveis.



CRUZEIRO EM FRENTE DA EGREJA DE VILLA VIÇOSA  
(Desenho inedito de Luiz Vermell)

caida de mau gosto, uma liberdade um pouco nua. Não gostamos dos maus tratos que se estão dando aos sonetos, depois de os terem deixado dormir o somno do esquecimento por cerca de setenta annos. Agora já ha sonetos grandes e pequenos, direitos e ás avessas, debaixo para cima, e de cima para baixo; temos tanto respeito por esta forma poetica, que nos enrubece a face cada vez que a vemos tratada, como qualquer devasso costuma tratar a virgem pudica que se fia nos seus embelecios. Ainda assim quanto não são preferiveis os peccados do auctor, ás mediocres semsaborias que todos os dias enlameam os prelos? A experiencia e o aperfeicoamento do seu gosto, que já mostra quilates tão delicados, promettem ir-nos dando fructos cada vez de melhor sabor.

MUCIO TEIXEIRA — I — FAUSTO E MARGARIDA. — *Poema-dramatico em XII quadros da Tragedia de Goethe*. — Terceira edição. — Rio de Janeiro, Typographia Hildebrant, MDCCCLXXXII.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Vello, 6

## AVISO

Tendo-se esgotado uma grande parte dos numeros do OCCIDENTE relativos ao primeiro, segundo e terceiro volumes d'esta publicação, procedeu-se á reimpressão dos mesmos, o que augmentou consideravelmente o custo d'estes volumes, e por isso a Empreza previne os seus correspondentes e o publico em geral, de que a partir do primeiro de janeiro de 1883, os preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes regulam pela tabella seguinte:

Preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes do OCCIDENTE

Brochados, cada um . . . . . 3\$000  
Encadernados, cada um . . . . . 4\$000

Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 sobre os preços marcados.

Numeros avulsos relativos a estes volumes ou sejam os n.ºs 1 a 72, cada um 160 réis.

Para as pessoas que desejarem adquirir estes volumes por séries de 12 numeros seguidos, 1\$500 e por séries de seis numeros seguidos 750 réis.

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empreza vendel-o ao

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á *Empreza do Occidente*, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.



«UN BAQUERO»

Quadro de C. Plasencia, offerecido pelo auctor á Real Academia de Bellas Artes de Lisboa

(DESENHADO DO QUADRO POR ANTONIO RAMALHO — GRAVURA DE C. ALBERTO)